

Nº 57, CPATC, dezembro/98, p.1-4

COMPORTAMENTO INICIAL DE ESPÉCIES FLORESTAIS DE MATA ATLÂNTICA DO NORDESTE

Edmar Ramos de Siqueira¹
Francisco Elias Ribeiro²
Maria Salete Alves Rangel³

A presença de cobertura florestal é tão fundamental para o equilíbrio ecológico, que existe desde muito tempo legislação florestal específica, visando sua preservação. No âmbito desta legislação, para a Região Nordeste, é prevista uma cobertura florestal mínima, por propriedade rural, de 20%, chamada de reserva legal. Os benefícios diretos desta cobertura verificam-se na proteção das nascentes e dos rios, dos solos, morros e encostas, do ar, na preservação da diversidade genética de espécies vegetais e animais; no equilíbrio ambiental e no bem estar social, protegendo as áreas rurais e urbanas, principalmente aquelas sujeitas a deslizamentos, promovendo assim a manutenção da harmonia e da beleza das paisagens.

A situação da cobertura florestal da zona costeira de Sergipe é crítica. Em 1938 a Mata cobria cerca de 40% desta área, hoje resta em torno de 2% e em processo contínuo de extinção.

Os efeitos negativos desta situação já vêm se verificando, como diminuição da vazão de rios e córregos; assoreamento de rios e represas, aumento da erosão, o empobrecimento dos solos e o desequilíbrio ecológico, aumentando assim os ataques de pragas e doenças na agricultura, com o conseqüente incremento do uso de adubos químicos e agrotóxicos, que poluem e contaminam os solos e os mananciais.

¹ Eng.-Flor., Dr., Pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Av. Beira-Mar, 3250 Caixa Postal 44, CEP 49001-970, Aracaju, SE.

² Eng.-Agr., MSc., Pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Av. Beira-Mar, 3250, Caixa Postal 44, CEP 49001-970, Aracaju, SE.

³ Bióloga, EPEAL/Embrapa Tabuleiros Costeiros, Av. Beira-Mar, 3250, Caixa Postal 44, CEP 49001-970, Aracaju, SE.

Considerando esta situação, a geração de tecnologias de reposição florestal é importante e urgente. Neste contexto se insere este trabalho que tem por objetivo avaliar o comportamento e identificar espécies florestais para compor sistemas florestais, agroflorestais e para revegetação.

O experimento foi instalado no Campo Experimental de Umbaúba, em solo podzólico distrófico de tabuleiros costeiros e no Campo Experimental de Itaporanga, em condições de baixada litorânea, em solo de areia quartzosa.

Foram avaliadas dez espécies: araticum (*Annona* sp), amescla (*Protium heptaphyllum*), sucupira (*Bowdichia virgilioides*), jacarandá (*Jacaranda* sp), pau-ferro (*Caesalpineia ferrea*), pau-pombo (*Tapirira guianensis*), maria-farinha (*Dimorphandra* sp), murici (*Byrsonima seriaceae*), orelha de negro (*Enterolobium contortisiliquun*) e jatobá (*Hymenia stigonocarpa*). As mudas foram produzidas em saco plástico, com substrato de terra de mata, areia e húmus de minhoca, misturados em partes iguais. O plantio foi realizado em abril de 1996, no espaçamento de 4,0m x 2,5m. Foram utilizadas quinze plantas por espécie e por local, sendo cada planta uma repetição. O delineamento foi o inteiramente casualizado.

Para avaliação foram adotados os parâmetros de altura e diâmetro, em centímetros e sobrevivência, em percentagem sendo os dados coletados em maio de 1997 e 1998.

A adubação, no plantio, consistiu de 2,0kg de húmus de minhoca e 2,0kg de pó de rocha, composto de uma mistura de silicatos, comercializado com o nome de MB-4, por cova. Foi feita uma adubação de cobertura, com 3,0kg de húmus, em duas aplicações, uma no início da estação chuvosa e outra no final.

A precipitação pluviométrica no período é apresentada na Tabela 1. Quando as condições de déficit se agravaram houve irrigação de salvamento à base de 15 a 20 litros de água por semana.

As Tabelas 2 e 3 apresentam os dados de altura, diâmetro, a 5cm do solo, e sobrevivência no período de 1997-1998. O comportamento das espécies, nas duas épocas, foi melhor na condição de tabuleiros costeiros do que de baixada litorânea. As espécies araticum, jacarandá, pau-pombo, maria-farinha, murici e jatobá não sobreviveram nas condições de baixada litorânea, até os 24 meses da implantação.

De 1997 para 1998 houve um incremento médio da altura de plantas, em Itaporanga, de 18%. A amescla teve 65% de aumento; a sucupira 65%; pau-ferro 39% e orelha-de-negro 14%.

Em Umbaúba o incremento médio na altura foi de 52%. O araticum teve 32%; a amescla 70%; a sucupira 68%; o jacarandá 89%; o pau-ferro 6%; o pau-pombo 77%; a maria-farinha 40%; o murici 32%; o jatobá 60% e a orelha-de-negro 47%.

Em relação ao diâmetro, em Itaporanga, houve um incremento médio de 18%. Para a amescla o incremento foi de 75%; para a sucupira 52%; para o pau-ferro 31% e orelha-de-negro 26%.

Em Umbaúba, em relação ao diâmetro do caule, o araticum teve um incremento de 48%; a amescla 78%; a sucupira 81%; o jacarandá 36%; o pau-ferro 29%; o pau-pombo 76%; a maria-farinha 96%; o murici 49%; o jatobá 91% e orelha-de-negro 8%.

O pau-ferro e a orelha-de-negro foram as espécies de melhor desempenho, tanto nas condições de tabuleiros como de baixada, entretanto esta última apresenta uma melhor estrutura de planta e forma de copa, podendo ser considerada a espécie de maior potencial.

TABELA 1
Dados de precipitação pluviométrica

Ano	Itaporanga D'Ajuda	Umbaúba
1996		
Abril	238,6	443,0
Maio	101,2	210,0
Junho	265,6	293,5
Julho	83,4	118,5
Agosto	184,6	72,0
Setembro	119,3	99,0
Outubro	41,6	26,0
Novembro	131,4	00,0
Dezembro	24,4	00,0
Total	1.190,1	1.262,0
1997		
Janeiro	49,9	166,5
Fevereiro	125,4	125,0
Março	202,4	95,9
Abril	240,0	232,0
Maio	411,3	297,0
Junho	154,4	211,0
Julho	99,9	87,0
Agosto	92,3	68,0
Setembro	3,8	4,0
Outubro	11,4	5,0
Novembro	7,6	10,0
Dezembro	15,2	8,0
Total	1.413,6	1.309,0
1998		
Janeiro	31,5	22,3
Fevereiro	10,2	25,0
Março	103,6	81,5
Abril	111,6	57,0
Total	256,9	185,8

TABELA 2

Dados de altura, diâmetro do caule e sobrevivência, aos 12 meses do plantio, em Itaporanga D'ajuda e Umbaúba. Sergipe, 1997

ESPÉCIE	ALTURA (cm) e DESVIO-PADRÃO		DIÂMETRO (cm)		SOBREVIVÊNCIA (%)	
	Itaporanga	Umbaúba	Itaporanga	Umbaúba	Itaporanga	Umbaúba
Araticum	82,92 (12,70)	156,54 (22,12)	1,57 (0,33)	2,66 (0,68)	100,0	100,0
Amescla	36,67 (19,52)	103,75 (34,32)	0,67 (0,21)	1,44 (0,47)	70,0	70,0
Sucupira	40,91 (21,20)	178,33 (19,81)	0,86 (0,40)	2,82 (0,38)	100,0	100,0
Jacarandá	59,44 (22,00)	187,50 (62,08)	1,11 (0,32)	3,34 (0,42)	100,0	100,0
Pau-ferro	112,82 (22,05)	344,62 (92,45)	1,67 (0,29)	3,22 (0,54)	100,0	100,0
Pau-pombo	68,64 (13,06)	151,82 (38,36)	1,04 (0,11)	2,44 (0,61)	100,0	100,0
Maria-farinha	38,75 (22,50)	198,12 (41,40)	0,79 (0,25)	2,78 (0,48)	31,0	89,0
Murici da mata	57,50 (19,61)	142,73 (30,44)	0,96 (0,21)	2,57 (0,58)	77,0	77,0
Jatobá	32,08 (12,87)	141,25 (60,38)	0,56 (0,24)	2,12 (0,66)	100,0	100,0
Orelha-de-negro	155,00 (28,87)	205,38 (42,64)	1,53 (0,41)	3,25 (0,97)	100,0	100,0

TABELA 3

Dados de altura, diâmetro e sobrevivência, aos 24 meses do plantio, em Itaporanga D'ajuda e Umbaúba. Sergipe, 1998

ESPÉCIE	ALTURA (cm) E DESVIO-PADRÃO		DIÂMETRO (cm)		SOBREVIVÊNCIA (%)	
	Itaporanga	Umbaúba	Itaporanga	Umbaúba	Itaporanga	Umbaúba
Araticum	-	207,31 (32,57)	-	3,95 (0,82)	-	100,0
Amescla	60,57 (17,82)	176,67 (35,51)	1,17 (0,35)	2,56 (0,63)	58	70,0
Sucupira	67,60 (31,28)	298,75 (38,80)	1,31 (0,60)	5,11 (0,55)	92	100,0
Jacarandá	-	355,00 (43,78)	-	4,53 (0,42)	-	100,0
Pau-ferro	157,36 (28,63)	365,00 (105,01)	2,19 (0,33)	4,15 (0,69)	100	100,0
Pau-pombo	-	268,89 (45,40)	-	4,30 (0,68)	-	100,0
Maria-farinha	-	276,88 (46,21)	-	5,45 (0,94)	-	89,0
Murici da mata	-	187,73 (45,84)	-	3,84 (0,71)	-	77,0
Jatobá	-	225,50 (56,15)	-	4,05 (0,66)	-	100,0
Orelha-de-negro	176,82 (47,08)	302,31 (56,15)	1,93 (0,54)	3,50 (1,30)	85	100,0